



21 DE OUTUBRO DE 2016 Sexta-feira

- EXPORTADORES DESCONHECEM E USAM POUCO INCENTIVOS FISCAIS, DIZ PESQUISA
- TESOURO NACIONAL INDICA PARANÁ ENTRE 14 ESTADOS EM "BOA SITUAÇÃO FISCAL"
- EMPRESÁRIOS DA ALEMANHA BUSCAM PARCEIROS COMERCIAIS NO PARANÁ
- INADIMPLÊNCIA DAS EMPRESAS CRESCE 1,5% NO 3º TRIMESTRE, DIZ BOA VISTA SCPC
- PAÍS CHEGOU A FUNDO DO POÇO, MAS MERCADO NÃO DÁ SINAIS DE MELHORA, DIZ MERCEDES
- 75% DAS EMPRESAS DO PAÍS TÊM AVALIAÇÃO NEGATIVA, DIZ S&P
- DEMANDA DAS EMPRESAS POR CRÉDITO CAI 7,9% EM SETEMBRO
- CENTRAIS DEFINEM AGENDA DE MOBILIZAÇÕES E PROTESTOS
- INSS REVÊ REGRA PARA INCLUIR TEMPO ESPECIAL EM CONTA DE APOSENTADORIA
- CARGOS TÉCNICOS SÃO OS MAIS DIFÍCEIS PARA PREENCHER NO BRASIL, APONTA PESQUISA
- POR QUE A ECONOMIA BRASILEIRA AINDA VAI DEMORAR PRA VOLTAR A CRESCER
- CARROS DA TESLA SAIRÃO DA FÁBRICA PRONTOS PARA SE TRANSFORMAREM EM AUTÔNOMOS
- FUNDOS IMOBILIÁRIOS CRESCEM E VOLTAM A GANHAR DESTAQUE; SAIBA COMO INVESTIR
- SEM MOTORISTA A 350 KM/H: CONHEÇA O PRIMEIRO CARRO DE CORRIDA AUTÔNOMO DO MUNDO
- CONSTRUÇÃO CIVIL FECHA 23,9 MIL VAGAS EM AGOSTO NO PAÍS, DIZEM SINDUSCON-SP E FGV
- ÍNDICE DE PRODUÇÃO VOLTA A CAIR EM SETEMBRO, APÓS ESTABILIDADE EM AGOSTO, DIZ CNI
- DESEMBOLSOS DO BNDES CAEM 40%

- AUMENTA A PROPORÇÃO DE VAREJISTAS COM ESTOQUE ACIMA DO IDEAL, DIZ FECOMERCIO SP
- PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO CRESCE 3,1% EM SETEMBRO, DIZ IABR
- ONDA DE ROUBOS DE CARGA LEVA SEGURADORAS A ENDURECER EXIGÊNCIAS
- BRASIL TEM 49 PRODUTOS COM CERTIFICAÇÃO DE ORIGEM, DIZ IBGE
- GE TEM LUCRO ACIMA DO ESPERADO, MAS REDUZ META DE RECEITA POR PETRÓLEO
- VOLVO APOSTA EM DEMANDA EUROPEIA DIANTE DE FRAQUEZA NO BRASIL E EUA
- NISSAN CONCLUI COMPRA DE 34% DA MITSUBISHI

CÂMBIO		
EM 21/10/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,162	3,162
Euro	3,437	3,439

Fonte: BACEN

Exportadores desconhecem e usam pouco incentivos fiscais, diz pesquisa

21/10/2016 – Fonte: Bem Paraná

Pouco mais de um quarto das empresas exportadoras do Brasil dizem conhecer completamente programas do governo voltados para aliviar a carga tributária e incentivar a participação nacional no mercado externo.

A complexidade da legislação aduaneira, mudanças constantes nas regras e a burocracia para exportar são algumas das razões apontadas para esse desconhecimento.

Apenas 27% dos 229 exportadores entrevistados em levantamento feito pela Thomson Reuters em parceria com a KPMG disseram ter clareza total sobre os regimes especiais, como o drawback, que isenta, suspende ou restitui alguns impostos que recaem sobre a produção destinada ao mercado externo. A falta de conhecimento se reflete na baixa utilização desses mecanismos. Metade das companhias ouvidas na pesquisa disseram não usar nenhum regime especial.

"Temos muita coisa acontecendo, muitas mudanças, e as empresas de modo geral não estão estruturadas para acompanhar tudo isso", afirma Menotti Franceschini, especialista em comércio exterior da Thomson Reuters.

Uma dessas novidades que passam despercebidas é o Recof-Sped, lançado em janeiro deste ano. Esse regime especial permite que indústrias importem ou comprem no mercado doméstico insumos para a produção de mercadorias destinadas ao exterior, sem pagar nenhum tributo nesse processo. O programa é uma das iniciativas em linha

com o Plano Nacional de Exportações 2015-2018, conjunto de ações para estimular a participação do país no comércio internacional. Cerca de mil empresas, somando US\$ 50 bilhões em exportações ao ano, poderiam se beneficiar desse regime, segundo a Receita Federal.

Contudo, apenas 36% das companhias que participaram da pesquisa disseram ter algum grau de conhecimento sobre o Recof-Sped. A Folha de S.Paulo pediu à Receita Federal números sobre adesão ao programa, mas não obteve retorno até as 13h. "A legislação aduaneira brasileira é extremamente fragmentada.

Prevê coisas modernas, como a informatização dos sistemas de comércio exterior, ao mesmo tempo em que exige documentos carimbados", diz Breno Palhares, diretor da consultoria Inter Aduaneira.

A falta de domínio sobre o tema e as diferentes interpretações para as regras também afasta empresas dos incentivos, diz Palhares. O medo de levar uma multa milionária da Receita Federal por descumprir alguma norma faz com que muitas organizações achem que o benefício não vale o risco.

ACORDOS COMERCIAIS O objetivo de acordos firmados entre países é dar maior fluidez ao comércio entre fronteiras, mas o emaranhado de regras e exigências que eles envolvem leva a uma subutilização desse recurso não só no Brasil como em outras regiões do mundo.

Globalmente, 34% dos entrevistados disseram usar entre 1 e 2 acordos comerciais para exportar ou importar, sendo que 21% não se valiam de nenhum. No Brasil, 32% dos respondentes disseram não usar nenhum acordo, como os no âmbito do Mercosul.

As principais dificuldades apontadas foram a complexidade das regras de origem (24%), problemas para obter a documentação de fornecedores sobre a origem das matérias primas (20%) e falta de estrutura interna para lidar com essas atividades (17%).

Tesouro Nacional indica Paraná entre 14 estados em "boa situação fiscal"

21/10/2016 – Fonte: Bem Paraná

Boletim da Secretaria do Tesouro Nacional divulgou nesta quinta-feira (20) indica que apenas 14 das 27 unidades da federação (incluindo Distrito Federal) têm "boa situação fiscal" e, por isso, teriam direito a buscar aval da União para novas operações de crédito. O Paraná é um dos Estados nesta boa situação.

Com o aval do Tesouro Nacional, os estados podem contar com juros mais baixos nos empréstimos buscados junto ao sistema financeiro nacional e à instituições multilaterais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Mundial (Bird), por exemplo.

"A concessão de garantia pela União em operações de empréstimos tomados pelos estados, pelo Distrito Federal e pelos municípios está condicionada à análise da capacidade de pagamento desses entes pela Secretaria do Tesouro Nacional", informou o governo. São considerados com "boa situação fiscal" os estados e municípios que tiverem nota de crédito "A" ou "B", que sinalizam um risco de crédito baixo ou médio e normalmente apresentam um nível de endividamento menor e baixo serviço da dívida.

São estes os estados com "boa situação fiscal" e, portanto, elegíveis ao aval da União para novas operações de crédito: Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal,

Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Pernambuco, Paraná, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Empresários da Alemanha buscam parceiros comerciais no Paraná

21/10/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Sede da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha Divulgação

Empresários da Alemanha e do Brasil estarão reunidos em novembro para discutir oportunidades de negócios no Paraná. A ação acontecerá durante a Rodada de Negócios promovida pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha (AHK Paraná) com o objetivo de fomentar parcerias entre as empresas participantes. O evento é gratuito e acontece no dia 9 de novembro em Curitiba.

Estarão presentes no evento sete empresas alemãs, a maioria do setor industrial. Elas buscam negócios locais que possam atuar como distribuidores de seus produtos ou que tenham interesse em importar seus produtos.

Segundo o diretor da AHK Paraná, Andreas Hoffrichter, a realização da rodada de negócios mostra que o interesse pelo Brasil está despertando novamente. Historicamente, o investimento alemão no Paraná é significativo. Estão instaladas aqui empresas como a Robert Bosh, Volkswagen, Bardusch, Audi, Brose e Thyssenkrupp Brasil Division Steering.

Os negócios brasileiros interessadas em participar do evento devem verificar no [site da AHK Paraná](#) se possuem o perfil procurado por umas das empresas alemãs. Os horários dos encontros, no dia 9 de novembro, serão pré-agendados e haverá a disponibilidade de intérpretes. Mais informações: (41) 3323-5958 ou ahkparana@ahkbrasil.com

Confira a lista de empresas alemãs que participarão da rodada de negócios em busca de parceiros comerciais:

- **Premosys GmbH** - Tecnologia de medição ótica para linhas de produção. Aplicação para fabricantes de peças e acessórios para a indústria automotiva, indústria alimentícia e de celulose/papel e fabricantes de plásticos.
- **HAAS Holzzerkleinerungs - und Fördertechnik GmbH** - Fabricante de equipamento completo para reciclagem de madeira, picadores/trituradores de madeira, equipamento para resíduos de serrarias.
 - **Clemens GmbH & Co KG** - Fabricante e comerciante de máquinas e equipamentos para produção de vinho e colheita de frutas.
 - **Chemservice GmbH** - Consultoria na área da indústria química (regulamentação para produtos químicos). Avaliação de riscos e representação de fabricantes de produtos químicos com origem fora da união europeia.
 - **Cheminerall Deutschland GmbH** - Distribuidora de matérias-primas e produtos químicos para a aplicação industrial: adubos, matérias-primas para cosméticos, minerais para a indústria de construção.
 - **Berger-Seidle GmbH** - Desenvolvimento, fabricação, distribuição e consultoria na área de vernizes, produtos e sistemas com baixo índice de emissões e

poluentes/contaminantes. Produtos para pisos de madeira: vernizes, colas, produtos de conservação (ceras), entre outros.

- **Berger-Lacke GmbH** - Desenvolvimento, fabricação, distribuição e consultoria na área de vernizes, produtos e sistemas com baixo índice de emissões e poluentes/contaminantes. Produtos para área industrial: vernizes industriais para aplicação em produtos, equipamentos fundidos como bombas, válvulas, entre outros.

Inadimplência das empresas cresce 1,5% no 3º trimestre, diz Boa Vista SCPC

21/10/2016 – Fonte: Tribuna PR

A inadimplências nas empresas subiu 1,5% no terceiro trimestre deste ano na comparação com o trimestre imediatamente anterior na série com ajustes sazonais, informou nesta quinta-feira, 20, a Boa Vista SCPC. Em relação ao mesmo período do ano passado, a alta também foi de 1,5%.

No acumulado do ano até setembro, a inadimplência da pessoa jurídica aumentou 5,1% quando comparado aos nove primeiros meses de 2015. Já somando os últimos quatro trimestres, o aumento foi de 6,3%, o que significou uma desaceleração de 1,6 ponto porcentual frente ao resultado registrado no trimestre terminado em junho, na mesma base de comparação, sinalizou a Boa Vista SCPC.

A instituição considerou que o resultado do terceiro trimestre do ano mostra sinais de enfraquecimento da inadimplência das empresas, após oito trimestres de elevação contínua nos valores acumulados em quatro trimestres, “mantendo a tendência de desaceleração na análise de longo prazo”, disse em nota.

A Boa Vista também apontou que a retomada da confiança deve auxiliar a redução da inadimplência. “Com a retomada da confiança, houve uma melhoria das próprias perspectivas para atividade econômica, inflação, juros e consumo, fatores importantes para uma melhora gradual das empresas.”

O indicador de inadimplência de empresas é um somatório dos principais mecanismos de apontamento de inadimplência empresarial (cheques devolvidos, títulos protestados e registros de débitos) realizados na base da Boa Vista SCPC.

País chegou a fundo do poço, mas mercado não dá sinais de melhora, diz Mercedes

21/10/2016 – Fonte: Tribuna PR

A montadora alemã Mercedes-Benz, que atua no Brasil com foco nos mercados de caminhões e ônibus, avalia que a economia brasileira parece ter chegado ao fundo do poço, mas ainda não vê sinais de recuperação no mercado de veículos pesados, segundo balanço trimestral divulgado nesta sexta-feira pela Daimler, controladora da empresa. Diante disso, a expectativa da montadora é que a demanda no País por caminhões médios e pesados termine o ano com queda de 25% em relação a 2015.

No terceiro trimestre de 2016, encerrado em setembro, a Mercedes-Benz vendeu 3,5 mil caminhões no Brasil, recuo de 18,6% em comparação com as 4,3 mil unidades vendidas em igual período do ano anterior.

O relatório também menciona o Programa de Demissão Voluntária (PDV) que a montadora realizou este ano e resultou no fechamento de 2 mil postos de trabalho. No segmento de caminhões, os desligamentos resultaram em gastos de 49 milhões de euros no terceiro trimestre de 83 milhões de euros no acumulado do ano até setembro.

Para a área de ônibus, o gasto foi de 8 milhões de euros no terceiro trimestre.

75% das empresas do País têm avaliação negativa, diz S&P

21/10/2016 – Fonte: O Estado de S. Paulo

O rebaixamento das notas de crédito de empresas brasileiras está diminuindo, após alcançar um pico entre setembro do ano passado e fevereiro deste ano, mas a grande maioria das companhias, ao redor de 75%, ainda tem a perspectiva da nota negativa ou está em observação ("creditwatch") negativa. Isso significa, segundo o diretor da agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) para ratings corporativos, Eduardo Uribe, que elas podem ter piora da avaliação nos próximos meses.

Em setembro, ocorreu o menor número de rebaixamentos de 2016, segundo gráfico da S&P. "Começamos a ver um período de estabilização em nosso portfólio", disse ele, ressaltando que empresas com perfil de negócios mais forte podem voltar a ter melhora das notas de crédito.

Quando se consideram apenas as empresas com perspectiva negativa, o Brasil é o país da América Latina com o maior número de companhias com esse perfil (65%), seguido pela Colômbia (63%), Peru (18%) e Chile (15%). No México e na Argentina, a maioria possui perspectiva estável. Quando se inclui no percentual do Brasil as empresas com "creditwatch" negativo, o total sobe para 75%, também o maior da região.

Uribe ressaltou que, no Brasil, a S&P já observou uma melhora da confiança das companhias na economia, o que pode levá-las a investir de novo. Ao mesmo tempo, apesar da melhora da percepção de algumas empresas brasileiras, o diretor mencionou que o desemprego continua aumentando e as vendas no varejo mal conseguem crescer. O diretor-gerente da S&P, Roberto Sifon-Arevalo, ressaltou ainda que a Lava Jato é uma fonte de risco significativo para o cenário no Brasil.

Para 2017, Uribe afirmou que riscos de volatilidade da moeda brasileira e crescimento mais fraco da economia do que o esperado podem oferecer desafios para a qualidade do perfil de crédito das companhias do Brasil. Incerteza política, governo segurando gastos e persistência de baixos preços das commodities foram outros riscos citados por ele para o cenário das empresas brasileiras.

A S&P prevê que o PIB do Brasil volte a crescer em 2017, com expansão estimada de 1,5%. Se confirmado, o movimento deve ajudar a América Latina também a crescer, depois de dois anos de retração da economia. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Demanda das empresas por crédito cai 7,9% em setembro

21/10/2016 – Fonte: Canal Executivo

Segundo o Indicador Serasa Experian de Demanda das Empresas por Crédito houve queda de 7,9% na demanda empresarial por crédito em setembro/16, comparativamente ao mês imediatamente anterior (agosto/16).

Na comparação com setembro do ano passado houve alta de 2,6% na procura das empresas por crédito em setembro de 2016. No acumulado do ano, isto é de janeiro a setembro, a demanda das empresas por crédito registra retração de 0,3% perante o acumulado do mesmo período do ano passado.

De acordo com os economistas da Serasa Experian, a procura empresarial por crédito ainda continua bastante enfraquecida no país. O aprofundamento da recessão econômica, gerando menor necessidade de capital de giro, e os juros altos, tornando o crédito difícil e caro, conferem baixo dinamismo à demanda empresarial por crédito.

Análise por porte

A queda da demanda empresarial por crédito em setembro/16 foi puxada pelas micro e pequenas empresas, com recuo de 8,2% frente a agosto/16. Por outro lado, nas médias e grandes empresas houve avanços de 0,1% (médias) e de 1,0% (grandes) na procura por crédito em setembro/16.

Análise por setor

Em setembro/16, as empresas do setor de serviços reduziram sua demanda por crédito em 13,2% frente a agosto/16. Também as empresas dos setores industrial e comercial acusaram quedas de 5,3% (indústria) e de 2,5% (comércio) na busca por crédito em setembro/16.

Dois setores econômicos pesquisados apresentaram quedas em suas demanda por crédito no acumulado deste ano até setembro, na comparação com o mesmo período do ano passado: indústria (-4,2%) e comércio (-1,7%). Já o setor de serviços, onde predominam as micro e pequenas empresas, a procura por crédito no acumulado do ano até agosto exibiu alta de 2,2%.

No acumulado do ano de 2016 até setembro, a demanda empresarial por crédito recuou em três regiões do país: Norte (-5,6%); Centro-Oeste (-0,9%); Nordeste (-0,2%). Por outro lado, houve altas nas regiões Sudeste (1,3%) e Sul (2,9%) frente período de janeiro a setembro de 2015.

Centrais definem agenda de mobilizações e protestos

21/10/2016 – Fonte: Agência Sindical



Sindicalistas reunidos na CUT

Todas as centrais sindicais, exceto a CSB, se reuniram na tarde desta quarta (19) na sede nacional da CUT, em São Paulo. As tratativas abrangeram extensa pauta de ações, mobilizações e protestos.

O presidente da CUT, Vagner Freitas, abriu o encontro e saudou a unidade dos trabalhadores. "Estamos unidos em defesa do emprego, pela retomada do desenvolvimento, na resistência às reformas neoliberais e contra o desmonte do Estado", afirma.

Participaram CUT, UGT, Força Sindical, Nova Central, CTB, CGTB e Intersindical. Há consenso quanto à organização de uma agenda de lutas e também aprovação de datas para protestos.

O secretário-geral da UGT, Canindé Pegado, informa que foram marcadas duas datas para manifestações. "Uma no dia 11 de novembro, com categorias que já estão

mobilizando as bases. Até 25 de novembro, haverá convocação mais abrangente, envolvendo mais categorias", explica.

Os dirigentes das Centrais também estão de acordo sobre a necessidade de mobilizar as sessões estaduais, para a realização de atos nas bases trabalhadoras e também com o objetivo de fazer pressão junto a deputados e senadores dos Estados e regiões.

INSS revê regra para incluir tempo especial em conta de aposentadoria

21/10/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo



Trabalhadores que não conseguiram comprovar a atividade insalubre para se aposentar mais cedo ou com um salário maior têm nova chance de obter essas vantagens.

O INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) determinou no último dia 9 de setembro que os servidores das agências da Previdência Social aceitem laudos técnicos novos para a comprovação da exposição do trabalhador a agentes que trazem risco a sua saúde.

Antes, o instituto só aceitava laudos que tinham sido produzidos no mesmo período em que o trabalhador esteve empregado no local onde havia a insalubridade.

A mudança ocorreu por força de uma ação civil pública da DPU (Defensoria Pública da União), à qual o INSS foi obrigado a se adaptar.

No documento interno enviado aos servidores do INSS e obtido pela reportagem, o órgão diz que as novas regras valem desde 16 de julho de 2016, um dia após a decisão da 21ª Vara Federal de Recife (PE).

O reconhecimento da insalubridade é importante porque garante o direito à contagem do tempo especial, que, na maioria dos casos, acrescenta ao tempo de contribuição do segurado 40% (para homens) e 20% (para mulheres) do período em que a atividade insalubre foi exercida.

Ainda considerando a maioria dos agentes insalubres, essa contagem pode garantir a aposentadoria especial aos 25 anos de contribuição, sem que exista o desconto do fator previdenciário.

Nas aposentadorias por tempo de contribuição tradicionais, homens se aposentam com 35 anos de contribuição e mulheres aos 30 anos de recolhimentos, ambos com redução da média salarial devido ao fator.

REVISÃO

O novo entendimento sobre os laudos cria oportunidades tanto para revisões de benefícios concedidos sem o tempo especial quanto aos benefícios negados pelo INSS.

Para laudos emitidos após o período trabalhado

>> Trabalhadores que colocaram a saúde em risco têm nova chance de aumentar o benefício ou de se aposentar mais cedo

>> O INSS passou a aceitar laudos recentes para o reconhecimento da atividade insalubre de períodos antigos

Quem será beneficiado

>> Segurados que ainda vão pedir a aposentadoria com períodos trabalhados em atividade especial

>> Trabalhadores que tiveram seu benefício negado pelo INSS porque o laudo não era da época trabalhada (esses já podem pedir a revisão)

Como era antes

>> Para conseguir o tempo especial, o segurado precisava apresentar laudos produzidos no período em que ele trabalhava em local insalubre

>> O INSS negava o tempo especial para trabalhadores que apresentavam laudos recentes

Como ficou

>> O emprego exposto a agentes insalubres dá direito ao tempo especial, mesmo quando o laudo foi produzido após a demissão do funcionário

Quando mudou

Novas regras valem desde 16 de julho deste ano

Por que mudou

O INSS foi obrigado a se adequar a uma ação civil pública movida pela DPU

Para quem teve o benefício negado

>> O segurado que teve o benefício negado devido à recusa do laudo poderá pedir a revisão

>> O benefício, se autorizado, deverá ser concedido com data inicial em 16 de julho deste ano

Para quem está aposentado

>> A revisão também é devida para quem teve desvantagem na aposentadoria devido à falta do tempo especial

Dises-BE 5235

Entre 16 de setembro de 1991 e 12 de outubro de 1995

LTCAT (Laudo Técnico de Condições Ambientais do Trabalho)

Obrigatório entre 14 de outubro de 1996 e 31 de dezembro de 2003, possivelmente com outros documentos válidos na época

Dirben-8030

Entre 26 de outubro de 2000 e 31 de dezembro de 2003

PPP (Perfil Profissiográfico Previdenciário)

Passou a ser exigido a partir de 1º de janeiro de 2004; é obrigatório para comprovar atividade especial

Cargos técnicos são os mais difíceis para preencher no Brasil, aponta pesquisa

21/10/2016 – Fonte: G1



41% das empresas não encontram profissionais com competências técnicas. Dificuldade das companhias para ocupar vagas no Brasil chegou a 43%.

Empresas brasileiras vêm enfrentando problemas para preencher cargos de nível técnico: 41% das companhias não conseguem profissionais para ocupar posições que exigem competências técnicas, aponta a pesquisa "Escassez de Talentos" do ManpowerGroup.

No Brasil, a maior carência de profissionais é na área de técnicos (produção, operadores e técnicos de manutenção). Em seguida estão: profissionais da área administrativa (secretárias, recepcionistas e assistentes administrativos) e operadores de maquinário e produção.

Dos mais de 42 mil empregadores entrevistados em todo o mundo, 40% estão enfrentando dificuldade para preencher vagas, o nível mais alto desde 2007. No Brasil, a dificuldade dos empregadores ficou em 43%, uma redução de 18% em relação a 2015, que teve índice de 61%.

Veja os profissionais mais difíceis de encontrar:

- 1) **Técnicos:** técnicos de produção, operações ou manutenção
- 2) **Apoio aos serviços de escritório:** secretários, recepcionistas e assistentes administrativos
- 3) **Operadores de produção/ máquinas:** operadores de maquinaria especial
- 4) **Negócios especializados:** eletricitas, carpinteiros, soldadores, assentadores de tijolos, rebocadores, encanadores e pedreiros
- 5) **Representantes de vendas:** executivos de vendas, assessores de vendas e pessoal de vendas no varejo
- 6) **Administração/ executivos:** gerentes seniores e do nível de diretoria
- 7) **Pessoal de contabilidade e finanças:** contabilistas, contadores certificados e analista financeiros
- 8) **Motoristas:** motorista de caminhão, de camioneta, de transportes pesados, entrega, equipamentos pesados e de construção
- 9) **Engenheiros:** engenheiros mecânicos, elétricos e civis
- 10) **Profissionais de TI:** desenvolvedores e programadores, administradores de bancos de dados, líderes e gerentes de TI

"Os dados apontam um desafio para as empresas em atrair profissional qualificado e, mais do que nunca, oportunidades para profissionais que estão no mercado", destaca Nilson Pereira, CEO do ManpowerGroup no Brasil.

Quando questionados sobre quais são as principais dificuldades para preencher as posições abertas, os empregadores citaram: falta de habilidades técnicas (41%), falta

de habilidade pessoais (17%), falta de experiência (14%), procura por um salário maior do que o oferecido (14%) e falta de candidatos disponíveis/ nenhum candidato (5%).

Por que a economia brasileira ainda vai demorar pra voltar a crescer

21/10/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Após dois anos em recessão, a economia brasileira ainda não tem forças para crescer. Economistas não veem um gatilho capaz de se destacar e puxar a retomada econômica. O corte de juros já começou, mas em um movimento tímido que, sozinho, não conseguirá mudar o cenário. Apesar da redução, a taxa se mantém elevada, o que dificulta investimentos.

Ao mesmo tempo, famílias e empresas estão endividadas, o que inibe a busca por empréstimos, que poderiam ajudar a estimular a atividade econômica. O reajuste do salário mínimo no início de 2017 pode trazer algum alento, mas a gravidade do desemprego também limita a demanda.

A aprovação de um teto para os gastos públicos é uma sinalização positiva, mas não soluciona o desequilíbrio da política fiscal nem abre espaço para investimentos do governo.

“O dilema da economia é que não temos vetores de crescimento. O consumo das famílias está contido pelo desemprego, pelo crédito caro e escasso e pela falta de confiança. Pode até ter melhorado, mas não o suficiente para reverter os demais fatores. Ao mesmo tempo, as empresas estão endividadas e com nível de ociosidade grande. Com a necessidade de controlar gastos, o governo reduz investimentos”, afirma o professor da PUC-SP e sócio-diretor da MacroSector Consultores, Antonio Corrêa de Lacerda.

O setor externo, que vinha sendo apontado como uma das possíveis saídas da crise, se vê limitado pelo baixo crescimento da economia mundial – a projeção do Fundo Monetário Mundial é de 2,7% em 2016 e 2,8% em 2017 – e pela mudança da trajetória do câmbio, com apreciação do real, que volta a encarecer as exportações.

Um dos fatores que pode ajudar na retomada é o programa de concessões para alavancar investimentos em infraestrutura. A questão é que ainda demora que o plano se transforme efetivamente em investimentos. No setor de petróleo, por exemplo, os recursos só começariam a ser aplicados no segundo semestre de 2017, se tudo der certo.

Recessão ainda maior

Para Lacerda, a expectativa de retomada este ano está descartada e a recessão deve ser pior que a estimativa do mercado, hoje de 3,19%, segundo o Boletim Focus, do Banco Central.

“A economia não tem nenhum destaque, não tem força para crescer. É uma situação pior que em crises anteriores, dada a profundidade da recessão e o estrago no mercado

de trabalho e de crédito. O estrago é assustador, não tem mágica”, diz o economista-chefe do Banco Fator e professor da FEA/USP, José Francisco de Lima Gonçalves.

Sua avaliação é que, diante do atual patamar de juros reais, os investimentos não deslançam.

O movimento do Comitê de Política Monetária (Copom), de reduzir a taxa Selic em apenas 25 pontos básicos, o surpreendeu e levou a uma mudança no cenário. Agora, Gonçalves vê um ritmo lento de redução dos juros, o que adia a recuperação da economia.

Nesta quarta-feira, o Banco Central divulgou os dados do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado um sinalizador do Produto Interno Bruto (PIB). O indicador caiu 0,91% em agosto sobre julho, a maior redução mensal desde maio de 2015 (-1,02%). Em julho, a variação tinha sido de 0,02%.

Já o Monitor do PIB, calculado pelo Ibre/FGV, recuou 1,61% em agosto, frente a julho. No resultado do trimestre encerrado em agosto, no entanto, caiu 0,35%, abaixo da taxa de 1,05% do trimestre anterior, encerrado em maio.

“A economia terá uma recuperação gradual difícil, não tem milagre. Não existe espaço para uma política monetária agressiva nem estímulos fiscais. O próprio crédito vai ajudar, mas demora”, diz a economista-chefe da Rosenberg & Associados, Thaís Zara.

Risco político

Até mesmo o risco político, que se imaginava ter dissipado, pode voltar a aparecer no horizonte, com a prisão do ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha.

Economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale, afirma que o risco aumenta, mas isso reforça a necessidade de acelerar o processo de reformas.

“Apesar de todos os problemas a solução da questão econômica hoje é prioridade, mesmo com o governo sangrando com possível delação do Cunha”, diz.

Na quarta-feira, sem mencionar diretamente a prisão de Eduardo Cunha, o ex-presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse que tem preocupação com o efeito que a operação Lava Jato pode ter sobre a classe política e sobre o andamento da agenda econômica no Congresso.

E disse que os parlamentares precisam continuar a dar prioridade à tramitação da proposta de emenda constitucional (PEC) 241, que fixa um teto para os gastos.

“Eu tenho um pouco de medo disso (a realização de reformas econômicas) acontecendo no meio da operação Lava Jato, que agora chega à classe política.

Talvez ela já tenha ocorrido em 80% no ambiente empresarial. Mas do lado político isso tem consequências difíceis de prever. Mas o Congresso tem que manter a missão de aprovar as reformas”, apontou Fraga.

Com um tom mais otimista, Sergio Vale afirma que a recuperação não será retumbante e rápida, mas que as reformas permitirão criar as condições para um crescimento sustentado da economia brasileira: “É preciso ter paciência, esperar e colher os frutos lá na frente.”

Carros da Tesla sairão da fábrica prontos para se transformarem em autônomos

21/10/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Veículos da companhia serão equipados com câmeras e sensores para futuramente poderem trafegar sem ninguém ao volante



A Tesla está dando outro passo adiante na corrida para desenvolver carros autônomos. A companhia de Elon Musk anunciou nesta semana que todos os novos veículos da marca que deixarem a fábrica virão com o hardware necessário para suportar um sistema de direção totalmente autônomo. Isto inclui o novo Model 3, o veículo elétrico da Tesla voltado para o grande público. Alguns dos carros já existentes das linhas Model S e Model X já têm a tecnologia, segundo a empresa.

Para fazer o sistema funcionar, a Tesla está equipando todos os novos carros com oito câmeras capazes de fornecer informações visuais sobre o entorno do veículo em 360 graus. Outra dúzia de sensores “ultrassônicos” irão ajudar a detectar obstáculos. E para analisar todos esses dados, haverá um computador sofisticado com um processador gráfico top de linha.

Ao contrário de veículos autônomos desenvolvidos por concorrentes como o Google e Uber – que têm grandes câmeras e sensores montados no topo da carroceria–, o hardware da Tesla será perfeitamente integrado ao corpo dos veículos, segundo o presidente da companhia.

“Nada vai ficar aparecendo. Isto de maneira alguma vai deixar o carro mais feio”, afirmou Musk a repórteres na quarta-feira (19). “Não haverá protuberâncias estranhas. Tudo é incrivelmente sutil”, completou.

Mas o fato dos sensores e câmeras já virem instalados não significa que os consumidores serão capazes de ligar a direção autônoma logo de cara. Musk disse que testes mais amplos serão necessários antes do recurso ser liberado. A companhia quer conduzir testes para analisar o sistema autônomo em estradas fechadas antes de liberar a tecnologia para um número restrito de usuários, um grupo que incluirá o próprio Musk.

Só a partir disso a Tesla disponibilizará o software necessário para mais consumidores ao redor do mundo, ativando gradualmente o sistema em um “modo sombra”, em que os carros não trafegarão por conta mas coletarão dados e os encaminharão para engenheiros – a ideia é antecipar como o veículo tomará decisões quando estiver de fato por conta própria.

Ao fim, deverá demorar ainda um ano ou mais para o público ver o novo recurso em ação; no fim de 2017, disse Musk, todos poderão acompanhar uma viagem teste entre Los Angeles e Nova York, com um carro da companhia totalmente autônomo.

Críticas

O anúncio da Tesla vem depois de uma série de críticas e episódios envolvendo o recurso de piloto automático dos carros da companhia. O sistema, chamado de Autopilot, não é uma tecnologia de direção autônoma. Ele foi desenvolvido para ser um assistente de direção, mas levantou preocupações entre céticos e advogados.

Em maio, um motorista da Florida morreu devido a uma falha do piloto automático para frear e impedir a colisão com um caminhão – foi o primeiro acidente fatal relacionado à tecnologia, segundo a Tesla.

Musk aproveitou o anúncio desta quarta-feira para criticar a repercussão na mídia do acidente e de outros episódios, defendendo que cada história negativa sobre o recurso tira a atenção das milhares de pessoas que morrem nas estradas devido a erros humanos.

Cada vez que a mídia reporta as falhas do Autopilot, “você estão dissuadiando as pessoas de usarem carros autônomos. Você estão matando pessoas”, afirmou Musk.

O Autopilot continuará a existir lado a lado com o novo sistema de direção autônoma da Tesla – e este último certamente ainda precisará passar pelo escrutínio das autoridades regulatórias dos Estados Unidos, que publicaram mês passado um pacote de novas regras para carros autônomos.

Fundos imobiliários crescem e voltam a ganhar destaque; saiba como investir

21/10/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Alternativa para a compra dos ativos físicos, aplicações ganham com a queda dos juros e a melhora do cenário econômico



Depois de amargar perdas de 5,4% no ano passado, quando houve um agravamento na crise econômica, os fundos imobiliários voltaram a se destacar entre os investimentos com maiores ganhos em 2016. De janeiro a setembro deste ano, o índice que acompanha o desempenho dos ativos (IFIX) teve um crescimento de 28,9%, com tendência de alta para os próximos anos.

De acordo com analistas do mercado financeiro, as perspectivas positivas se devem ao reaquecimento da economia brasileira e ao indicativo de uma continuidade na queda da taxa básica de juros, que foi reduzida para 14% ao ano pelo Copom nesta semana. Com isso, há uma melhora nas condições de crédito para os setores produtivo, do varejo e para as pessoas físicas, além de uma queda nos ganhos com a renda fixa.

Raio-X

Saiba quais são as principais características dos fundos imobiliários:

Taxas

Administração, Corretagem e IR sobre ganhos de capital (20%). É isento de imposto para investidores que tenham menos de 10% do patrimônio líquido.

Aplicação mínima

R\$ 100, mas é recomendado investir a partir de R\$ 1 mil para que as taxas tenham menos impacto sobre os retornos.

Ganhos

Variam conforme o fundo. Entretanto, é possível ganhar com a distribuição dos rendimentos ou com a venda das cotas na Bolsa.

Risco

Alto, sendo recomendados para diversificação dos investimentos e para estratégias de médio a longo prazo.

Alternativa mais em conta do que a compra direta de imóveis, os fundos oferecem cotas a partir de R\$ 100 e dão aos clientes a oportunidade de aplicar em shopping centers, agências bancárias, hospitais, galpões de logística e salas comerciais.

Mas, antes de escolher uma destas opções, é necessário observar quais são os tipos de imóveis que compõem as carteiras dos fundos, a região em que foram construídos e quais são os contratos.

“É importante que o investidor entenda o setor imobiliário. Escolher o melhor fundo é tão complexo quanto decidir em qual empresa investir. Há fundos focados em salas comerciais grandes e pequenas e com diferentes tipos de contratos, e tudo isso deve ser considerado antes da compra”, alerta o sócio-fundador da Praisce Capital, Antônio Marmo.

Um outro erro comum é olhar apenas para os ganhos anteriores dos fundos, sem considerar o contexto econômico do país e da cidade em que os imóveis foram construídos.

Segundo o sócio-fundador do Grupo L&S, Alexandre Wolwacz, uma forma de minimizar os riscos de perdas é escolher ativos com uma variedade de imóveis em diferentes partes do país.

“Fundos formados por um ou dois imóveis correm riscos maiores de perdas durante períodos de crise. Em momentos como esses, fundos relacionados a salas comerciais também costumam ser arriscados, assim como o setor de varejo”, acrescenta.

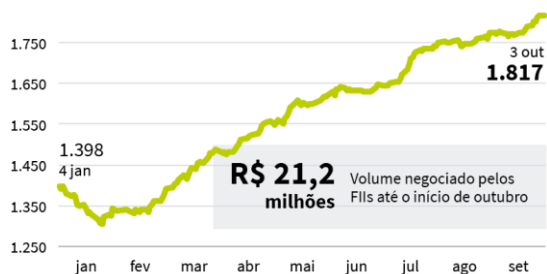
Carteiras compostas por agências bancárias, que estão sendo “enxugadas” em todo o país, são outro exemplo de composições que apresentam uma tendência de perda nos próximos anos. Além delas, os analistas apontam para os riscos dos fundos que possuem imóveis locados para uma empresa só, a qual pode passar por maus bocados e levar os cotistas a sofrerem com inadimplência ou vacância.

As cotas dos fundos imobiliários são negociadas na Bolsa e vendidas por corretoras de independentes ou de bancos e são ativos de maior risco. As taxas cobradas são a de administração, de corretagem, para a compra e venda no mercado de ações, e o imposto de 20% sobre os ganhos com a venda das participações.

Em alta

No acumulado do ano, o índice que mede a variação dos fundos imobiliários (IFIX) teve uma elevação de 28,9%:

Variação IFIX, em pontos



Sem motorista a 350 km/h: conheça o primeiro carro de corrida autônomo do mundo

21/10/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Criado para demonstrar a capacidade dos veículos autônomos, o "DevBot" participará de corridas durante o circuito de Fórmula E



Um carro que faz lembrar os veículos da Fórmula 1, mas com um nível de customização evidentemente alto: essas são as primeiras impressões que se tem do "DevBot", o primeiro carro de corrida elétrico e autônomo do mundo, segundo seus desenvolvedores.

Criado para atingir até 350 quilômetros por hora, o automóvel não precisa de nenhum passageiro ou motorista para chegar a essa velocidade. As informações são da CNN. A ideia de um carro circulando a uma velocidade tão alta sem piloto pode parecer um pouco assustadora. Mas o time de engenheiros e cientistas de computação da Roborace, empresa responsável pela tecnologia, acredita que o protótipo deixará as pessoas mais confiantes a respeito dos autônomos.

"O DevBot foi criado para mostrar a capacidade desse tipo de tecnologia e fazer as pessoas ficarem mais confortáveis sobre veículos sem motorista - e precisamos mostrar isso fazendo alguma coisa legal", explicou Victoria Tomlinson, relações públicas da Roborace, à CNN.

O plano da empresa é ter 10 carros autônomos competindo e fazendo performances durante a temporada 2016/2017 da Fórmula E, um campeonato de automobilismo somente para os elétricos.

"É mais uma série de entretenimento para exibir as capacidades do carro", conta Victoria. "Então, nós gostaríamos de criar um desafio entre os veículos - dois deles iriam em direção um ao outro, em alta velocidade, e desviariam em determinado momento, antes de colidirem". Os carros, então, cruzariam para lados opostos, formando a figura de um número oito na pista.

A ideia inicial da empresa era lançar o DevBot no ePrix de Hong Kong, que ocorreu no início do mês. O lançamento, no entanto, não deu certo pois o carro apresentou problemas de bateria. A equipe explica que tentará realizar a demonstração novamente na prova de Marrakech, no dia 12 de novembro.

Construção civil fecha 23,9 mil vagas em agosto no País, dizem Sinduscon-SP e FGV

21/10/2016 – Fonte: Tribuna PR

O setor da construção civil fechou 23,9 mil postos de trabalho em agosto no País. Com isso, o número total de pessoas empregadas no segmento foi a 2,70 milhões, queda de 0,88% em relação a julho. Esse foi o 23º mês consecutivo de queda no nível de vagas, período em que 677,2 mil trabalhadores foram dispensados na construção.

Os dados fazem parte de pesquisa divulgada nesta sexta-feira, 21, pelo Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (Sinduscon-SP), em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), baseada em dados do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Nos primeiros oito meses do ano houve corte de 194,2 mil vagas. Em 12 meses, o saldo negativo chegou a 462,9 mil empregos a menos.

O presidente do SindusCon-SP, José Romeu Ferraz Neto, observou que a queda no nível de emprego é preocupante, pois afeta, inclusive, os segmentos considerados indicadores antecedentes de novas obras: na preparação de terrenos, houve recuo de 15,05% no nível de empregos, e nos serviços de engenharia e arquitetura a baixa atingiu 12,90%, considerando a comparação de janeiro a agosto de 2016 com os mesmos meses de 2015.

“Ou seja, a perspectiva segue sendo de queda na atividade da construção para os próximos meses”, afirmou Ferraz, em nota distribuída à imprensa.

Para Ferraz, o fato reforça a necessidade de o governo ir além das medidas de ajuste fiscal em andamento, embora as considere positivas pela sinalização favorável ao equilíbrio das contas públicas.

“O Executivo precisará cortar mais despesas, gastar bem o pouco que sobrar no Orçamento e adotar medidas favoráveis à atração de investimentos privados nacionais e estrangeiros”, ressaltou.

A deterioração do mercado de trabalho afetou quase todas as regiões do Brasil, sendo que os piores resultados mensais foram observados no Norte (-2,34%) e no Sudeste (-1,12%), em grande parte devido ao corte de 8.200 mil vagas na comparação de agosto com julho.

O levantamento também mostra que o Estado do Rio de Janeiro teve demissão de 19.562 mil trabalhadores nos últimos dois meses, como reflexo do fim das obras para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Índice de produção volta a cair em setembro, após estabilidade em agosto, diz CNI

21/10/2016 – Fonte: Tribuna PR

Depois da estabilidade registrada em agosto, a produção industrial voltou a cair em setembro, com o nível de capacidade industrial das plantas no mesmo patamar e o emprego em queda. É o que indica a pesquisa Sondagem Industrial, divulgada nesta sexta-feira, 21, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

O índice que mede a evolução da produção industrial ficou em 45,8 pontos – pela metodologia da pesquisa, números abaixo de 50 indicam queda. Em agosto, esse índice havia ficado em 50,8 pontos, acima da linha divisória pela primeira vez em 14

meses, mas ainda indicando estabilidade. Em setembro de 2015, no entanto, a queda era mais acentuada (42 pontos).

A utilização da capacidade instalada ficou no mesmo patamar de agosto, 66%. O indicador de evolução do número de empregados aumentou 0,2 ponto, para 46,5 pontos, o que representa queda no emprego. "O índice mostra tendência de crescimento desde fevereiro, o que evidencia uma tendência de desaceleração da queda do número de empregados", explica o documento.

O nível dos estoques (49,7 pontos) e o índice de estoque efetivo/planejado (49,6 pontos) ficaram praticamente inalterados em setembro. Os industriais estão insatisfeitos com a situação financeira (41,5 pontos), com o acesso ao crédito (30,5 pontos) e com a margem de lucro operacional (36,4 pontos) – indicadores abaixo de 50 pontos representam insatisfação.

Houve uma redução no otimismo em relação aos próximos seis meses, mas o empresário ainda espera uma recuperação na demanda (52,3 pontos, ante 54,9 pontos em agosto) e aumento da quantidade exportada (50,8 ante 52,4 pontos).

A expectativa é de queda do número de empregados (46 pontos, ante 47,9) e a intenção de investir continua em baixa (43,5 ante 43,4 em agosto).

Desembolsos do BNDES caem 40%

21/10/2016 – Fonte: Tribuna PR

Os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para empréstimos já aprovados seguem em queda e poderão ficar abaixo dos R\$ 100 bilhões neste ano. A estimativa foi feita pelo superintendente de Planejamento da instituição de fomento, Fabio Giambiagi. A última vez que o BNDES liberou menos de R\$ 100 bilhões, em valores corrigidos pela inflação, foi em 2005.

No terceiro trimestre, o BNDES liberou R\$ 22 bilhões – valor 21% inferior ao de igual período de 2015, informou na quinta-feira, 20, o banco. Com isso, os valores desembolsados até setembro somam R\$ 62,205 bilhões. Descontando a inflação, a queda em relação ao mesmo período do ano passado é de 40%.

Segundo o superintendente de Planejamento do BNDES, os desembolsos caem desde 2015 por falta de demanda. Os economistas do BNDES estimam que o total dos investimentos na economia, medidos no Produto Interno Bruto (PIB), poderá cair de 8% a 9% neste ano. Em 2014, já havia encolhido 4,5% e 2015, 14,1%.

Recessão

A queda na demanda por crédito para investir está inserida no cenário de recessão na economia, disse Giambiagi. O executivo lembrou que o PIB encolherá cerca de 7% em 2015 e 2016. Além disso, a tendência é de baixa nos desembolsos do BNDES porque, em dezembro de 2015, foram liberados R\$ 20,2 bilhões, um valor atípico.

"Os desembolsos poderão ficar abaixo de R\$ 100 bilhões pela simples tendência decorrente da substituição de um mês atípico como dezembro de 2015", disse Giambiagi. Segundo ele, os valores de dezembro passado foram elevados porque houve uma "corrida" para liberar recursos.

Ao comentar os dados divulgados na quinta-feira, 20, Giambiagi procurou demonstrar confiança numa recuperação da economia em 2017. Ainda assim, no terceiro trimestre, o BNDES contabilizou R\$ 28,640 bilhões em consultas, queda de 26% em relação a igual período de 2015. As consultas são a primeira etapa do processo de

pedido de crédito ao BNDES. Normalmente, sinalizam o apetite das empresas por crédito para investir.

Para justificar seu otimismo, Giambiagi citou o ajuste nas contas externas, o alívio na inflação, um câmbio mais comportado e a expectativa de "calmaria" na política ajudam a traçar esse cenário. Quando a recuperação vier, o BNDES estará preparado para fornecer crédito de longo prazo, frisou Giambiagi.

Aumenta a proporção de varejistas com estoque acima do ideal, diz FecomercioSP

21/10/2016 – Fonte: Tribuna PR

A proporção de varejistas da Região Metropolitana de São Paulo que consideram que seus estoques estão acima do adequado subiu mais uma vez em outubro, mostra levantamento feito pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP). Dos cerca de 600 empresários que foram entrevistados, 37% apontaram excesso em seus estoques, contra 35,9% em setembro.

No entanto, a proporção caiu em relação a outubro do ano passado, quando 37,8% dos varejistas consultados alegaram que o número de produtos à espera de um comprador estava acima do ideal.

Além disso, subiu a fatia de empresários que estão satisfeitos com o volume de mercadorias estocadas, de 49,2% em setembro para 49,6% em outubro. Também houve alta na comparação com outubro do ano passado, quando a fatia ficou em 45,8%.

Na conta do que consideram que os estoques estão abaixo do desejável, a participação foi reduzida de 14,3% em setembro para 13,3% em outubro. Em outubro do ano passado, a proporção era ainda maior, de 16%.

A FecomercioSP acredita que o Natal pode servir para fazer novos ajustes de estoques, desde que não haja euforia com as perspectivas de melhoria nas vendas.

"Provavelmente, na visão da federação, o Natal será melhor do que o do ano passado, porém os empresários devem usar essa perspectiva com tranquilidade, sob risco de terem produtos de sobra para as liquidações de janeiro", diz a entidade em nota.

Produção de aço bruto cresce 3,1% em setembro, diz IABr

21/10/2016 – Fonte: Tribuna PR

A produção brasileira de aço bruto em setembro cresceu 3,1% em relação ao mesmo mês do ano passado, para 2,578 milhões de toneladas, informou nesta quinta-feira, 20, o Instituto Aço Brasil (IABr). Nos nove primeiros meses do ano, a produção caiu 9,3% ante os seis primeiros meses de 2015, para 22,917 milhões de toneladas.

A produção de laminados no mês passado ficou em 1,776 milhão de toneladas, aumento de 6,5% na relação anual. De janeiro a setembro foram produzidas 15,786 milhões de toneladas, também queda de 9,3% sobre o acumulado de nove meses em 2015.

O volume de aço plano produzido no Brasil foi de 1,088 milhão de toneladas em setembro, aumento de 8,5% ante igual mês de 2015. No acumulado de 2016 até setembro, a queda foi de 12,3% para 8,945 milhões de toneladas.

A produção de aços longos cresceu 3,6% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, para 687 mil toneladas e em nove meses caiu 5,1%, para 6,840 milhões de toneladas na comparação com os mesmos períodos de 2015.

As vendas de aço no mercado interno caíram 1,3% no mês, para 1,5 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos e de janeiro a setembro, recuaram 11,7% frente ao mesmo período do ano anterior, para 12,6 milhões de toneladas.

As importações caíram 8,2% sobre setembro de 2015, para 206 mil toneladas, o que representa US\$ 158 milhões, queda de 15,7%. Já nos nove meses, a quantidade foi de 1,2 milhão de toneladas, ou US\$ 1,2 bilhão, queda de 57,8% e de 55,1%, respectivamente.

As exportações brasileiras caíram em receita 8,9% no mês, para US\$ 620 milhões, e em volume, 13,1%, para 1,3 mi/t. De janeiro a setembro, as exportações geraram US\$ 4,127 bilhões, queda de 20%, e caíram em quantidade 0,2% em relação ao mesmo intervalo de 2015, para 10,1 milhões de toneladas.

O consumo aparente nacional foi de 1,6 milhão de toneladas em setembro de 2016, 4,9% menor do que o no mesmo mês de 2015, e de 13,7 milhões de toneladas até setembro, 19,1% abaixo do mesmo período de 2015.

Onda de roubos de carga leva seguradoras a endurecer exigências

21/10/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

A disparada do roubo de carga nos últimos meses tem levado seguradoras a tornar mais rígidas suas exigências às transportadoras, afirmam executivos do setor.

O pagamento de sinistro pelas empresas subiu 27,6% neste ano, entre janeiro e agosto, em relação ao mesmo período de 2015, segundo a Marsh, que reuniu dados da Susep (que regula o setor).

Nos últimos três meses, as seguradoras têm apertado as regras para manter o mercado viável, afirma Sérgio Caron, responsável pela área de gerenciamento de riscos de transporte da corretora.

"A exigência de uma escolta armada era para cargas acima dos R\$ 500 mil. Agora, baixou para R\$ 300 mil. Isso encarece e, às vezes, até inviabiliza o transporte."

A franquia também subiu, diz Paulo Roberto de Souza, do sindicato paulista das transportadoras. "Antes, era, no máximo, 25%. Hoje, chega a 30%. O gasto com segurança já representa entre 8% e 12% da receita das empresas."

Além dos segmentos tradicionalmente visados, como eletroeletrônicos e medicamentos, tem crescido o roubo de alimentos e de itens de higiene e beleza, afirma Adailton Dias, diretor da Sampo Seguros.

"O índice de roubo é tão alto que há transportadoras que têm recusado cargas de alto valor", afirma Álvaro Velasco, presidente do Grupo Tracker, de rastreamento.

Algumas seguradoras também têm se retirado do segmento de transportes ou deixado de atender determinados clientes, segundo Dias. "Se essa tendência seguir, o seguro de cargas vai se tornar financeiramente inviável."

Brasil tem 49 produtos com certificação de origem, diz IBGE

21/10/2016 – Fonte: Bem Paraná

O Brasil tem 49 produtos com certificação de Indicação de Procedência ou Denominação de Origem. São itens produzidos em uma região geográfica específica do país, que são certificados pelo Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), a pedido de associações, sindicatos e cooperativas de produtores locais. O dado foi divulgado nesta quinta (20) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

As informações são da Agência Brasil. É o caso dos vinhos tintos, brancos e espumantes produzidos no Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul, que foram os primeiros a receber certificação com Indicação de Procedência no país, em 2002.

Isso significa que apenas os vinhos produzidos nessa região gaúcha podem ostentar o título de vinho do Vale dos Vinhedos. O caso mais recente de certificação foi o café verde, torrado e moído da Região de Pinhal, em São Paulo, em 19 de julho de 2016.

Entre os produtos certificados no país estão o vinho, café, carne, cachaça, uva, camarão, cajuína, calçados, queijo e até serviços de tecnologia de informação. Vinte estados têm produtos regionais com certificação. O Rio Grande do Sul lidera o ranking com dez produtos, seguido por Minas Gerais, com oito.

GE tem lucro acima do esperado, mas reduz meta de receita por petróleo

21/10/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo



A General Electric superou expectativas do mercado com o resultado do terceiro trimestre, mas o crescimento de receita continuou pressionado, o que fez o conglomerado norte-americano reduzir previsões de faturamento e lucro para o ano.

A companhia divulgou alta de 10% no lucro ajustado, para US\$ 0,32 por ação, superando o US\$ 0,30 previsto em média por analistas, segundo a Thomson Reuters I/B/E/S.

A GE, porém, aumentou a meta de remuneração de acionistas de US\$ 26 bilhões para US\$ 30 bilhões e citou que já pagou US\$ 25 bilhões nos três primeiros trimestres do ano.

A receita orgânica, pressionada por lento crescimento econômico, principalmente na indústria de petróleo e gás, subiu 1% no trimestre e as ações da empresa recuavam 1,6% às 14h05 (horário de Brasília).

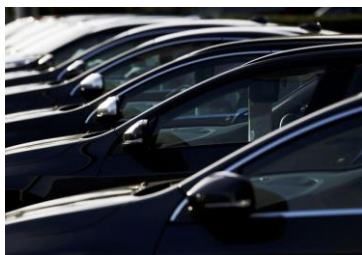
Com isso, a GE reduziu a expectativa de receita para todo o ano para entre estabilidade e alta de 2%. A estimativa anterior era de crescimento de 2% a 4%.

A empresa também estreitou a previsão para lucro ajustado para entre US\$ 1,48 e US\$ 1,52 por ação ante estimativa informada no final do segundo trimestre de US\$ 1,45 e US\$ 1,55.

O lucro líquido da GE de operações continuadas subiu para US\$ 2,10 bilhões no terceiro trimestre, ante US\$ 1,97 bilhão obtido um ano antes. A receita total subiu 4,4%, para US\$ 29,27 bilhões.

Volvo aposta em demanda europeia diante de fraqueza no Brasil e EUA

21/10/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo



A Volvo previu nesta sexta-feira (21) demanda mais forte na Europa, mas o oposto para Estados Unidos e Brasil, com cortes de custos ajudando a montadora sueca de caminhões a divulgar uma queda menor que a esperada no lucro operacional do primeiro trimestre fiscal.

Os caminhões pesados, onde a Volvo compete com as alemãs Daimler e Volkswagen, estão passando por forte demanda na Europa e ajudando a compensar fraqueza no outro lado do Atlântico.

A maior companhia listada da Suécia afirmou que o lucro operacional caiu para 4,46 bilhões de coroas suecas (US\$ 548 milhões) sobre um ano antes, superando previsão de analistas de 4,14 bilhões.

A Volvo, que vende caminhões das marcas Mack, Renault e UD e Volvo, dobrou sua previsão de crescimento do mercado na Europa, mas previu quedas acentuadas na América do Norte e no Brasil.

"O mercado europeu está apresentando forte performance", disse o presidente-executivo da Volvo, Martin Lundstedt, um de vários ex-executivos da Scania. "A demanda na América do Norte está desacelerando. No primeiro trimestre, a organização fez um bom trabalho ajustando capacidade para os volumes menores."

Segundo dados da associação brasileira de fabricantes de veículos, Anfavea, as vendas de caminhões da Volvo acumulam queda de 32% no ano até fim de setembro, em linha com o recuo de 30% do segmento no período.

Nissan conclui compra de 34% da Mitsubishi

21/10/2016 – Fonte: Automotive Business



A Nissan anuncia a conclusão da compra da participação acionária de 34% da Mitsubishi (MMC – Mitsubishi Motors Corporation), cuja transação foi estipulada pelo valor equivalente a US\$ 2,3 bilhões (237 bilhões de ienes).

Com esta parcela, a Nissan se torna o seu maior acionista. Em comunicado divulgado na quinta-feira, 20, a montadora informa que sua nova controlada passa a fazer parte da aliança global Renault-Nissan, o que torna o grupo um dos maiores conglomerados automotivos do mundo em volume de vendas, cuja estimativa é de 10 milhões de unidades no ano fiscal 2016, que começou em abril deste ano e termina em março de 2017.

O anúncio foi feito pelo CEO global da aliança, Carlos Ghosn, que confirmou seu novo cargo de presidente do conselho de administração da Mitsubishi a partir de 1º de novembro, quando as mudanças passam a vigorar.

Ghosn declarou que a Nissan e a Mitsubishi vão colaborar na compra conjunta, localização de peças, utilização de fábricas, plataformas comuns de veículos, compartilhamento de tecnologias e uma expansão da presença combinada das empresas em mercados desenvolvidos e emergentes.

“A combinação da Nissan, da Mitsubishi e da Renault criará uma nova força no processo global de fabricação de carros”, disse o executivo. “Vai ser um dos três maiores grupos automotivos do mundo, com economia em escala, tecnologias inovadoras e capacidade de fabricação para produzir veículos para atender a demanda dos clientes em todos os segmentos de mercado e em todos os mercados geográficos em todo o mundo”, completou.

O novo presidente da Mitsubishi disse que por meio da parceria, a Nissan terá como meta atingir uma economia equivalente a US\$ 232,3 milhões (24 bilhões de ienes, no câmbio atual) no ano fiscal de 2017 subindo para US\$ 580,9 milhões (60 bilhões de ienes) no ano fiscal de 2018. Segundo ele, os ganhos vão contribuir para o aumento do lucro por ação de cerca de US\$ 0,04 (4 ienes) por ação no ano fiscal de 2017 e de US\$ 0,10 (10 ienes) por ação no ano fiscal de 2018.

A conclusão da aquisição da Mitsubishi pela Nissan acontece cinco meses após o anúncio da compra, feito em 12 de maio. Um mês antes disso, em abril, a Mitsubishi admitiu a fraude no teste de consumo de seus motores, cujo caso foi denunciado pela própria Nissan.

“Estamos comprometidos a ajudar a Mitsubishi Motors a reconstruir a confiança do cliente”, disse Ghosn. “Esta é uma prioridade, já que buscamos sinergia e o potencial crescimento a partir da ampliação dessa relação.”

GESTÃO COMPARTILHADA

Como parte desta estratégia, a Nissan nomeou quatro representantes para o conselho da Mitsubishi, incluindo Carlos Ghosn como presidente eleito. Os nomeados são Hitoshi Kawaguchi, chefe da área de sustentabilidade e diretor global de assuntos corporativos, Hiroshi Karube, chefe global e gerente global de ativos, e Mitsuhiko Yamashita, atual representante da Nissan no conselho da Mitsubishi.

A pedido do presidente da Mitsubishi, Osamu Masuko, Yamashita entrou na empresa no início deste ano como vice-presidente executivo de desenvolvimento e como membro de seu comitê executivo.

Ghosn anunciou ainda uma série de outras mudanças na gestão, todas com vigência a partir de 1º de novembro, para lhe permitir continuar a se concentrar em manter a dinâmica da Nissan de desempenho e ao mesmo tempo apoiar Masuko na Mitsubishi.

Ghosn propôs ao conselho da Nissan, que aprovou, a nomeação de Hiroto Saikawa, atualmente diretor-executivo, como oficial de co-presidente executivo. Saikawa será

sucedido como chefe de competitividade por Yasuhiro Yamauchi, atualmente vice-presidente de compras da aliança.

Veronique Sarlat-Depotte, atualmente vice de Yamauchi, assumirá como vice-presidente de compras da aliança e diretora de compras da Renault e Nissan. Ela será apoiada por Makoto Uchida, que assumirá responsabilidade de compras da Nissan.

Além disso, também a pedido de Masuko, a equipe de gestão da MMC será reforçada pelo atual chefe de performance da Nissan, Trevor Mann, que se tornará diretor de operações da Mitsubishi: ele será substituído por José Muñoz, que continuará como presidente da região da Nissan na América do Norte.

“Em uma época de mudanças sem precedentes na indústria automobilística global, essa estratégia será uma aposta em nossos pontos fortes e nas capacidades de gestão para garantir o aumento da competitividade, melhores produtos para os nossos clientes e retornos atraentes para os acionistas”, concluiu Ghosn.